

ESCRITAS DE SI: estratégias de escrita em produções acadêmicas no campo do Design

WRITINGS OF THE SELF: writing strategies for counter-hegemonic academic production in Design

GRASSINE; Mestre; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ggrassine@esdi.uerj.br

MENEZES, Yasmin; Mestre; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

yasminsmenezess@gmail.com

ALTMAYER, Guilherme; Doutor; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

galtmayer@esdi.uerj.br

CARVALHO, Ricardo Artur Pereira; Doutor; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

rartur@esdi.uerj.br

Resumo

Este artigo intenciona apresentar como designers-pesquisadoras utilizaram a narrativa como uma metodologia de escrita para potencializar suas produções acadêmicas. Por meio de relatos de escrita e contextualização do uso da autoetnografia, narrativa confessional e biografia, as autoras demonstram como suas escolhas textuais funcionaram como estratégia político-metodológica na construção de duas dissertações defendidas, no Programa de Pós-Graduação em Design da XXXXX. Entendendo a pesquisa e o design como campos em disputa, as pesquisadoras utilizaram a narrativa como recurso textual para posicionar seus corpos dissidentes na arquitetura de suas dissertações, e com isso tencionar e borrar as fronteiras da relação entre pesquisador e objeto de pesquisa - isto que, na medida que desenvolvem pesquisas implicadas, colocam-se enquanto sujeitas indissociáveis do seu objeto. Para tal, as autoras dialogam com estudos de raça, (trans)feministas, queers e decoloniais que reforçam a necessidade de localização do próprio corpo na pesquisa, e o quanto o lugar de dissidência situado é preponderante para dar a ver perspectivas que um fazer ciência "neutro" comumente oculta.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Estratégias de escrita; Narrativa.

Abstract

This article aims to present how designer-researchers used narrative as a writing methodology to enhance their academic productions. Through writing reports and contextualization of the use of autoethnography, confessional narrative and biography, the authors demonstrate how their textual choices worked as a political-methodological strategy in the construction of two dissertations defended in the Postgraduate Program in Design at XXXXX. Understanding research and design as fields in dispute, the researchers used the narrative as a textual resource to position their dissident bodies in the architecture of their dissertations, and with this tense and blur the boundaries of the

relationship between researcher and research object - which, As they develop involved research, they position themselves as subjects inseparable from their object. To this end, the authors dialogue with race, (trans)feminist, queer and decolonial studies that reinforce the need to locate one's own body in research, and how much the situated place of dissent is preponderant in revealing perspectives that doing science "neutral" commonly hides.

Keywords: *Academic writing; Writing strategies; Narrative.*

1 Introdução

Com a intenção de (re)pensarmos perspectivas metodológicas utilizadas nas pesquisas acadêmicas em Design, escrevemos este artigo que trata das implicações de escritas posicionadas e derivadas das experiências de duas designers-pesquisadoras. Por meio de nossos relatos de escrita e da descrição dos recursos textuais utilizados como estratégia político-metodológica nas dissertações “Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?” (Sobrenome, 2023) e “Entre a ferida aberta e a sutura: a posicionalidade dos estudantes frente às opressões no processo formativo em Design na ESDI/UERJ” (Sobrenome, 2024), intencionamos tecer considerações sobre os desafios e efeitos do uso desses recursos na construção textual das pesquisas.

A partir da compreensão de como, nas últimas décadas, vem se estruturando a pesquisa em Design, onde ainda perdura no campo uma herança das pesquisas em interface com as Engenharias e a Ergonomia - nas quais métodos e procedimentos de pesquisa originam-se de perspectivas positivistas, que buscam, quando aplicadas ao campo do design, analisar de forma “objetiva” e “quantificada” as relações de uso e tarefas com os objetos. Apesar disso, existem outras perspectivas que também constroem o campo do Design, a exemplo, o das Ciências Humanas, que para além de fundamentar teoricamente as pesquisas, também embasa outros modos de pensar e escrever o campo. Não é incomum encontrar pesquisas nessas áreas realizadas em primeira pessoa, apresentando percepções e perspectivas das pesquisadoras e das relações observadas. Nas ciências humanas, também se reconhece uma postura posicionada, que evidencia como subjetividades da pesquisadora implicada são indissociáveis do seu objeto - sem negar seu caráter fenomenológico, reconhecendo a contingência parcial dos fenômenos humanos, e as limitações de quem observa.

Nesse sentido, assumir a escrita em primeira pessoa e o uso da narrativa como recurso textual são modos de construir uma perspectiva metodológica coerente com o referencial teórico que informa certos tipos de pesquisa. Por meio de uma visão crítica sobre os alicerces predominantes na pesquisa em Design, diferentes autoras e autores têm formulado proposições outras, sobretudo a partir dos estudos de raça, (trans)feministas, queers e decoloniais. É a partir dessas autoras e autores, que formam nossa rede afetiva-teórica-política, que nos alinhamos para produzir nossas pesquisas e este artigo.

A perspectiva decolonial, conforme elaborada por Aníbal Quijano — homem cisgênero branco de origem peruana, atuante no campo da Sociologia — (1991), problematiza a colonialidade do ser, do poder e do saber e como estas dimensões se relacionam. Ademais, também discute como a separação entre sujeito e objeto é produto da racionalidade moderna, que espelha no conhecimento uma relação com a propriedade. Portanto, um primeiro deslocamento para uma posição crítica e política em relação à dominação colonial é assumir-se como sujeito do conhecimento. Nesse sentido, “todas/os nós falamos de um tempo e lugar específico, de uma história e de uma realidade específica – não há discursos neutros” (Kilomba, 2019, p.58).

A partir de Grada Kilomba — mulher cisgênero negra, escritora, psicóloga e artista interdisciplinar portuguesa, com origens em Angola e São Tomé e Príncipe — entendemos a importância de nos localizarmos no presente texto. Sou XXXXX, professora e doutoranda em Design, pessoa trans não-binária, gorda, parda, 29 anos, com o pé quase no interior do Rio de Janeiro, atualmente moradora de Niterói, designer de produto e desenhista. Sou XXXX, mulher cisgênero negra, 27 anos, de São Fidélis, cidade do interior do Rio de Janeiro, morando há oito anos entre Niterói x Rio de Janeiro, mestre em Design e designer de produto, trabalhando entre o

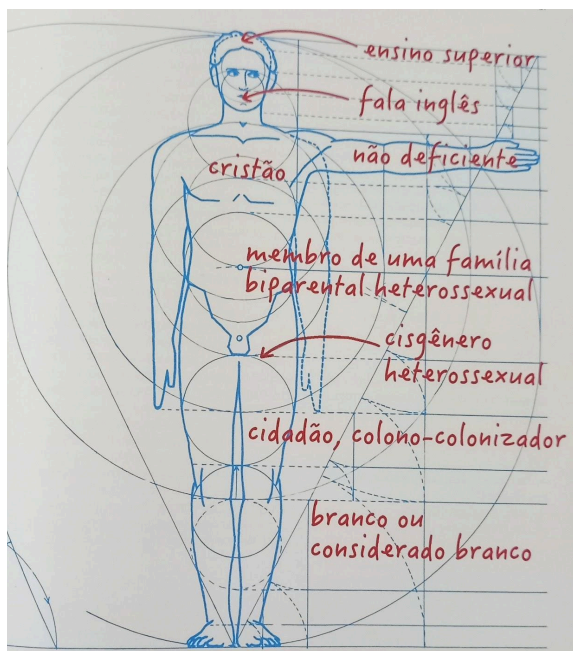
gráfico e o design de serviços.

Entendendo que nossos corpos escrevem e produzem a partir de quem somos, por onde passamos e pelo que nos atravessa, nossas produções acadêmicas são implicadas, e contrariam noções de neutralidade e da universalidade e os modos cartesianos de produção de conhecimento canônica (Dantas, 2022; Kilomba, 2019). Uma produção acadêmica fundamentada a partir dessas perspectivas produz conhecimentos correspondentes apenas à perspectiva restrita de quem os produz, não sendo universal, mas hegemônico.

bell hooks — mulher cisgênero negra de origem estadunidense, atuou como professora e teórica feminista e antirracista — (2017) indica que essa produção de conhecimento é possível, pois as pessoas em posição de autoridade possuem o privilégio de negar o próprio corpo. E que essa negação está conectada a outros mascaramentos como o de classe e o do papel desempenhado pelo ambiente universitário na reprodução de valores elitistas. Podemos entender que a desigualdade, aqui, se manifesta no privilégio de alguns que podem esquecer ou mascarar o próprio corpo e se adaptar bem ao sistema vigente, enquanto para outros as diferenças e os desvios são permanentemente apontados em seus corpos. Lucas Dantas — trans não-binária brasileira, artista e professora de gênero e sexualidade — (2022) também aponta que a possibilidade de produzir e manter um conhecimento como dominante está ligada a privilégios, pois possuir um privilégio social é acessar espaços de poder, de articulação e construção de conhecimento. Um corpo que possui privilégios sociais tem privilégios epistêmicos, ou seja, o direito de produzir e validar conhecimentos, além de habitar e permanecer no espaço acadêmico.

Ellen Lupton — mulher cisgênera branca, estadunidense que atua como designer, escritora e professora — e Leslie Xia — pessoa *queer*, de origem chinesa-estadunidense que atua como diretor artístico — (2023), ao escreverem sobre a norma mítica a ser seguida em projetos de design, nos indicam que as palavras padrão, médio e comum, utilizadas sobretudo no Design de Produtos, são sinônimas de uma norma invisível. E que essa norma só é percebida quando colocada em disputa com o diferente, o que está fora dos parâmetros, pois os que vivem na bolha da normalidade (figura 1), em geral, não reconhecem que possuem condições especiais — privilégios — pois não os compreendem como tal. Em paralelo, observamos que essa norma mítica construída e reproduzida no design se relaciona diretamente com a perspectiva objetiva e positivista de um fazer ciência “neutra”.

Figura 1: O homem moderno em suas bolhas modernas. Diagrama: Ernst Neufert, anotações originais em inglês: Jennifer Tobias.



Fonte: LUPTON, et al., 2023, p.31.

À medida que se amplia o acesso à educação e se diversifica o corpo discente e docente, conhecimentos hegemônicos passam a ser contestados por aqueles que ocupavam as margens, como pessoas negras, trans, travestis, não-binárias, indígenas, periféricas, com deficiência. A partir da inserção de outros corpos nos espaços acadêmicos, são questionados os lugares de privilégio e enunciação e os modos de ensinar. Os novos sujeitos, quando comparados aos sujeitos historicamente dominantes presentes no espaço da academia, sempre são lembrados de seus corpos dissidentes por meio de opressões de raça, gênero, classe e sexualidade. E também por reconhecerem no próprio corpo as possibilidades de (r)existir na academia como produtores de conhecimento.

Essa ampliação do acesso à educação está diretamente relacionada à implementação da política de reserva de vagas (cotas), a partir da Lei 12.711, assinada em 29 de agosto de 2012, pela ex-presidenta Dilma Rousseff. Essa lei prevê que 50% das vagas de universidades e institutos federais de todo o país devem ser destinadas para estudantes de escolas públicas, sendo metade dessas vagas reservadas para candidatos com renda familiar de até 1,5 salário mínimo por pessoa. As vagas são preenchidas por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência. Para essa distribuição, a proporção total de vagas deve ser no mínimo igual à proporção de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência da população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, tomando como base o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2012).

bell hooks (2017, p.181) nos lembra que “se você quiser permanecer ali, precisa em certo sentido lembrar de si mesma — porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física.” bell hooks evidencia a relevância de evidenciarmos nossos corpos nos espaços de produção de conhecimento, borrando as fronteiras dos limites prescritos pelos mitos da universalidade, neutralidade e objetividade (hooks, 2017; Kilomba, 2019).

Enquanto campo de produção de conhecimento, o Design também se fundamenta sobre os

mitos da universalidade, neutralidade e objetividade (Kilomba, 2019). Tanto designers quanto suas produções são parte de processos de subjetivação que geram significados discursivos que incidem em comportamentos coletivos e individuais, exercendo, assim, um papel social (Frascara, 2000). Cris Ibarra — mulher cisgênero colombiana residindo no Brasil, designer e professora — (2023) propõe pensar o Design a partir do pensamento do antropólogo escocês Tim Ingold e seu conceito de "correspondência" — um processo pelo qual seres ou coisas respondem mutuamente. O modo dessa relação mútua — da correspondência — não se dá pela intencionalidade, mas a partir da noção de "atencionalidade", ou seja, a prática do design por meio da correspondência que se daria a partir da relação estabelecida pelos designers com comunidades e suas causas em constante atenção nas transformações que geram mutuamente — provocando também novas proposições metodológicas:

A correspondência nos convida a acreditar nos processos, sem necessariamente ter planos determinados com antecedência. [...] Quando “aplicamos metodologias”, seguindo uma série de passos criados por pessoas que estão fora da situação, que fazem parte de outro tempo e espaço, podemos estar nos anulando. Nessa “aplicação”, estamos neutralizando esses métodos, universalizando-os (Ibarra, 2023, p.12).

Sob a perspectiva da correspondência, nossas práticas de design e processos de pesquisa a nossas percepções e vivências. O que seria uma possibilidade para a superação do mito da neutralidade, além de contrariar os modos cartesianos de produção de conhecimento e materialidades. A seguir apresentaremos como desenvolvemos a arquitetura textual e o design-desenho de nossas pesquisas, com base em narrativas posicionadas em nossas vivências enquanto designers-pesquisadoras.

2 Estratégias de escrita contra-hegemônicas: processos e relato de experiência

Nesta seção buscamos a partir de extratos de nossas dissertações evidenciar a necessidade de refletir sobre a posicionalidade, os corpos e as experiências dos sujeitos pesquisadores — como proposição de perspectivas situadas para a pesquisa em Design. Por meio dos nossos relatos sobre a experiência de utilização de diferentes recursos textuais, intencionamos destacar a coerência de nossas escritas com as referências teórico-político-metodológicas de nossas pesquisas. Sendo assim, nossas pesquisas estão alinhadas não só às teorias (trans)feministas, queers e de raça, mas também as práticas de escrita utilizadas pelas autoras e autores que as produzem.

2.1 *Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?*

A dissertação defendida em 2023, “Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?” (Sobrenome, 2023), foi uma escrita que surgiu na pandemia, durante momentos de tensão e debates sobre minha transgeneridade. Interessante no mestrado acadêmico de Design em 2021, com uma pesquisa voltada para mobiliários lúdicos de concreto e que após conversas com amigas e com a entrada de um professor - que viraria meu coorientador - que tem interesse no tema de dissidências de sexualidade e gênero, minha pesquisa se transformou e caminhou a partir de questões do corpo, transgeneridade e design. A partir disso, a proposta de trazer para o centro a não binaridade foi acolhida por ambos os orientadores e nesse processo de entender como lidar com isso, foi sugerido que eu pensasse nas minhas vivências e tentasse, a partir de narrativas próprias, entender a relação do corpo dissidente com as opressões potencializadas pelo design.

Lembro que numa orientação foi falado que textos em primeira pessoa ainda estavam

ganhando força dentro da academia e que em muitos programas e instituições esse tipo de pesquisa era considerada inferior. Pronto! Não bastasse se tratar de um assunto sensível, teria que arrumar uma dupla força para encarar uma pesquisa que o fio condutor da dissertação fosse a **narrativa**, aqui entendida como **autoetnografia** que será apresentada mais adiante.

Assim foi. Depois de muitas orientações e sumários tentativos, a pesquisa se amarrrou e junto às narrativas de violência, eu indagaria dentro dos estudos de gênero e do design, porque corpos dissidentes estariam nas margens da sociedade. A dissertação caminhou por algumas temáticas: 1) estudos queer, de gênero e transfeminismo; 2) estudos ergonômicos e antropométricos dentro das graduações; 3) infância dissidente e; 4) placas de banheiro. A intenção da pesquisa foi entender como o reforço binário de gênero, mulher/homem cisgêneros, acarretava abjeções de corpos marginalizados e a exaltação para um corpo específico, o do homem branco, cisgênero, magro, sem deficiência e classista.

A partir desses quatro tópicos comecei a elaborar a arquitetura do texto e qual a melhor estratégia de inserir as narrativas. O primeiro passo foi entender que histórias da minha vivência eu selecionaria, já que a negação da masculinidade desde pequena me custou muito caro, logo, não me faltavam histórias e casos de violências físicas e verbais para relatar. Entretanto, foi necessário entender como associar as narrativas com os quatro capítulos apresentados acima e quais seriam os ganchos que trariam insumo para a construção dos conceitos e o encadeamento do texto.

Comecei a me munir de bibliografias que articulavam a narrativa como processo central da escrita. Foi um processo de entendimento de como recorrer a essa ferramenta em um texto acadêmico, e antes de qualquer coisa, entender o que era a narrativa e sua aplicabilidade enquanto potencializador na produção científica.

A narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (DELORY, 2012, p. 82), ou seja, a narrativa é composta por um aglomerado de ações, e, nesse sentido, a pessoa que narra experiencia o ocorrido em movimento. Pensando nesse processo, rememorar certos ocorridos nos coloca não só na posição de contadores, mas também de analisadoras e questionadoras sobre o que aconteceu, nos indagando a cada lembrança quais passos acarretaram aquela ação, ou até mesmo gerando outras possíveis versões do que poderia ter acontecido.

A opção de seguir com a narrativa, enquanto uma ferramenta metodológica e estrutural do texto, caracteriza-se como uma das possibilidades de pensar construção de identidade, de compreender como nos tornamos algo e de como certas ações interferem e/ou modificam nossos percursos. Em minha dissertação eu utilizei a seguinte citação que julgo representar até hoje a justificativa de usar a narrativa: “[...] uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos próprios pesquisadores” (Clandinin e Connelly, 2011, p.18).

Após a feitura e defesa da dissertação, participei de muitos congressos, espaços de debates e apresentações, e quando contava meu processo de pesquisa muitas pessoas indagavam do porquê não utilizar a autoetnografia. A explicação mais simples e verdadeira foi que não tive acesso. Quando buscava sobre metodologias e narrativas, a autoetnografia não estava presente enquanto conceito nas literaturas em que acessei, entretanto, após diversas indicações, fui atrás de entender essa ferramenta.

Pensando na etnografia, entendo e vejo que o conceito abre possibilidades “para interrogar como afiliações de identidade sobrepostas e aparentemente opostas influenciam nossas vidas, relacionamentos e narrativas pessoais” (Boylorn; Orbe, 2014, p.234-235). Enquanto construía a narrativa, precisei me atentar sempre em 2 sentimentos: 1 narrar lembrando os detalhes e o sentimentos que me passaram naquela situação e; 2 narrar pensando e questionando do porquê aquelas agressões físicas aconteceram. E, refletindo através do conceito de etnografia, boa parte do processo de interligação do relato com os conceitos, se deu exclusivamente por trazer na reflexão como essas ações influenciam aquele momento, então mesmo que não dito na dissertação que a autoetnografia foi utilizada, entendo que parte do que deu a liga para a construção da arquitetura do texto foi por ter refletido sobre a experiência e assim, questionar dos diversos porquês de como sucedeu às ações e de como isso repercutiu em mim e como essas questões repercutiram no momento da escrita sendo uma pessoa que estuda sobre opressões de corpos dissidentes e tendo embasamento teórico para discutir.

A partir de bibliografias de pessoas trans que utilizam a narrativa, entendi como criar minha identidade de escrita. O uso de autoras e autores trans, além de ter leituras mais próximas do meu campo de estudo, apenas essas pessoas poderiam me ensinar como tratar da violência a partir da narrativa. Amara Moira — travesti branca, escritora, professora de literatura e ativista brasileira — (2016) em seu livro “E se eu fosse puta”, foi o primeiro referencial de texto narrativo. Em seu livro, Amara, conta seu processo de ser uma pessoa trans, prostituta e acadêmica, ela conta diversos casos de atendimento na prostituição, contando sua relação com as pessoas que procuravam seu serviço, entretanto, Amara vai além da contação superficial, ela nos deixa participar quando abre seus sentimentos e pensamentos em cada momento. Ler autores como Letícia Nascimento — travesti negra, pedagoga e professora acadêmica brasileira, pesquisadora da área de Gênero e Educação — (2021), Viviane Vergueiro — travesti branca, Pesquisadora, Consultora e Analista com formação nas áreas de Gênero e Ciências Econômicas. — (2016), Jota Mombaça — pessoa não binária negra, escritora e artista visual brasileira — (2021) e João W. Nery — homem trans branco, psicólogo e escritor brasileiro — (2022), me ajudou a entender como a narrativa não se resumia apenas ao relato, mas também à capacidade de, dentro de textos teóricos, você se colocar em **primeira pessoa**.

Minha dissertação foi estruturada a partir de 4 pontos: 1 relato; 2 ilustração; 3 questionamentos e; 4 articulação conceitual. Todos os 4 capítulos tiveram essa estrutura e em todas essas etapas a narrativa foi aplicada. Logo, vou trazer partes da dissertação para demonstrar o processo e exemplificar a articulação da narrativa em cada um dos pontos e como aconteceu o entrelaçamento entre cada parte.

O primeiro ponto, **relatos**, se deu a partir de agressões físicas que foram acometidas contra meu corpo. Como explicado anteriormente os relatos precisavam ter consonância com o tema abordado no capítulo, logo, com ajuda e acompanhamento psicológico e psiquiátrico — vale ressaltar que faço acompanhamento desde criança, apenas usei desse espaço e das profissionais que me acompanham para conseguir lidar com o que aconteceu — , comecei um processo de revisitar essas memórias. Parte da escrita foi feita durante as sessões psicológicas e psiquiátricas que aconteciam duas vezes por semana, e conjuntamente seguíamos dois caminhos, o de contar e sentir, e o de refletir e questionar. Abaixo segue um exemplo de relato:

Era 03 de julho de 2015, sexta-feira, dia do meu aniversário. Quem me conhece sabe que AMO fazer aniversário, acho que é culpa do leão em Vênus, sei lá, mas o importante é que era meu aniversário. Saí do curso de desenho em que dava aula quase de noite,

cansadíssima, já que às sextas eu acordava mega cedo para ir ao campus Fundação UFRJ. Na hora do almoço corria para dar aula e saía de lá umas 18 h 30 min.

Nesse dia recebi tantas festas, surpresas, tantos abraços, tanto carinho que minha bochecha chegava a ficar dolorida de tanto rir de alegria. Chegando em casa descobri que teria mais uma festa para mim. Que felicidade! Estavam alguns amigos do bairro, parentes, irmãos e meus pais, melhor momento para fechar esse dia com chave de ouro. Minha mãe então pediu que eu fosse comprar duas garrafas de refrigerante, e lá fui eu, sem saber o que me esperava.

Aqui onde moro, por ser um bairro pequeno, as ruas não contam com uma boa iluminação, não é nada movimentado, muito menos às oito da noite, mas tinham alguns comércios que ficavam abertos vendendo bebidas, tipo um barzinho. Lá fui eu o mais veloz possível para aproveitar mais essa comemoração, mas o que eu não esperava é que esse dia seria a primeira vez que eu iria apanhar, naquela época, por ser gay afeminado. Passei por uma encruzilhada que sempre é bem escura, porque tem muitas árvores, e lá estavam alguns moleques que vendo eu passar mexeram comigo, o de sempre, “viado”, “bichinha”, “mulherzinha” e por aí vai, mandei eles tomarem no cú e segui meu caminho ao barzinho. Comprei os dois refrigerantes e na volta estavam os meninos lá na mesma encruzilhada, mas dessa vez para me pegar na porrada. Chegando perto já escutava as risadas, e um deles falou:

- Você mandou a gente tomar onde?

Eu respondi bem afiada e com cabeça erguida falei:

- NO MEIO DO CÚ DE VOCÊS!

Nisso veio um e me empurrou, sem esperar por aquilo acabei caindo no chão, e recebi diversos chutes dos três, eu tentava levantar, mas não dava, apenas comecei a proteger o rosto e a gritar, até que apareceu uma moça e conseguiu afastar eles. Ela me perguntou se estava tudo bem, em choque ainda, respondi que sim, peguei os dois refrigerantes que estavam jogados na calçada e fui direto para casa. Como contar aos meus pais o que tinha acabado de acontecer? Spoiler: eles nunca souberam.

Como tenho um quintal bem grande e todos estavam lá atrás na cozinha, limpei meu casaco, que diga de passagem, foi o responsável por encobrir todos os hematomas que estavam nas costas e barriga, abri a torneirinha que ficava logo na entrada do portão, lavei o rosto, os joelhos e as mãos, engoli o choro, entrei tão rápido em casa, deixei os refrigerantes e só falei que iria tomar banho para ir comemorar. Sentei no vaso e chorei. Tudo doía! Tomei banho, passei umas pomadas e tomei um remédio para dor, coloquei outro casaco e fui para minha festa. Foi uma luta parar de pensar no ocorrido, mas foi assim a primeira vez que apanhei por ser LGBTIAPN+. Me senti sendo atacada, amarrada e incapaz de fazer nada, enquanto achava que seria morta naquele dia. Muito obrigada moça que me ajudou! (Autora Oculta, 2023, p. 22-23)

Os relatos alternavam sobre a contação do fato, sentimentos e pensamentos daquele momento e diálogos reais. A partir dos relatos era feito uma sessão para externalizar o que senti ao rememorar e ter que trazer aquela lembrança a tona, e era nesse momento que surgiram os questionamentos do porquê eu achava que aquilo aconteceu, sobre culpabilização, sobre como me afetou e com isso, surgiu o segundo ponto que chamei de questionamentos. Nessa etapa as questões foram para dois caminhos, um já citado acima e o outro era entender socialmente e a partir do meu conhecimento de pautas LGBTIAPN+ do porquê certas ações aconteceram. Como, por exemplo:

Refletindo sobre esse relato de agressão física e nas diversas situações verbais, sei que o ódio desses meninos não foi direcionado apenas por eu ter mandado eles tomarem no cu, até porque esse episódio de troca de farpas não era novidade, mas o que fez eles me baterem naquele dia e não nos outros? Acho que por estar escuro, ou vazio o lugar, mas sei com certeza que era por ser gay, sei que me bateram porque neguei diversos princípios da cisheteronormatividade, me bateram porque não gesticulava igual homem, não falava igual homem, não brincava com brincadeiras de homem. Na cabeça deles era incabível eu ter o privilégio de ter nascido homem, com pênis e estar negando a todo momento essa masculinidade. Apanhei porque na cabeça deles e de muitos da sociedade ainda hoje vinculam a sexualidade e a performatividade ao gênero, logo se era lido socialmente como homem, tendo um pênis que “comprovaria” essa masculinidade, mas meu desejo era por outro homem, já constatavam que estava negando esse ser homem e que automaticamente queria “virar” mulher, ou se não uso roupas ditas masculinas, não coço o saco, cuspo no chão e chamo a mulher da rua de gostosa, é porque não seria um homem de verdade. Mas o que dentro dessa binaridade é ser homem e mulher de verdade? (Autora Oculta, 2023, p. 24-25)

A partir dessa reflexão e questionamentos o gancho era criado para responder parte das indagações ou achismos dessa parte com a parte teórica da pesquisa, que é o quarto ponto, que pela sua extensão, não será exemplificado, entretanto, o texto com debates e reflexões foram escritos em **primeira pessoa**. O terceiro ponto são as **ilustrações**, aconteceram depois que a estrutura estava montada. Boa parte dos relatos são muito violentos e podem gerar gatilhos, então fiquei pensando em maneiras de amenizar essas escritas com as ilustrações. Elas são feitas com cunho irônico e sarcástico, às vezes trazendo um humor duvidoso, mas o principal era retratar e traduzir de alguma forma o relato.

As ilustrações foram feitas de forma monocromática (preto/branco), apenas com linhas simples, sem sombreamento e sem muitos detalhes como rostos e cenário. A intenção da simplicidade do desenho era tentar não glamourizar o relato e ser formas que fossem fáceis de captar. Outra estratégia nas ilustrações, foi desenhar pessoas cisgêneras todas com a mesma forma (figura 3) e corpos dissidentes com diversidade, a intenção era brincar com uma cultura normativa que tenta ao máximo padronizar corpos dentro de categorias como é o gênero e sexualidade. Algumas ilustrações contêm balões de fala.

Figura 2: A surra que eu e o casaco tomamos



Fonte: Autoria própria.

Figura 3: Representação de pessoas cisgêneras



Fonte: Autoria própria.

Há diversas formas de usar estrategicamente ferramentas que não são usuais em textos acadêmicos. Dentro da minha dissertação, o incentivo que tive dos meus orientadores com o uso de ferramentas narrativas fez com que uma dissertação que trata sobre opressões de gênero e

sexualidade dentro do campo do design, pudesse também criar sua própria forma de usar metodologicamente um recurso que potencializou a arquitetura da dissertação. A escolha desse caminho de escrita também foi pensando numa massa da população que não tem familiaridade com produção científica, ou que não tem familiaridade com a temática, pessoas aspirantes a pensar outras formas de produzir um design inclusivo e colocar também em foco uma população que mal chega na graduação, imagina em uma pós-graduação. A narrativa foi uma estratégica social e educacional que tive a oportunidade de me apossar e reconstruí-la dentro de uma perspectiva transgênera.

2.2 Entre a ferida aberta e a sutura: a posicionalidade dos estudantes frente às opressões no processo formativo em Design na ESDI/UERJ

E é claro que tenho medo, pois a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo. Mas minha filha, quando contei para ela qual era nosso tema e falei da minha dificuldade com ele, me respondeu: “Fale para elas sobre como você jamais é realmente inteira se mantiver o silêncio, porque sempre há aquele pedacinho dentro de você que quer ser posto para fora, e quanto mais você o ignora, mais ele se irrita e enlouquece, e se você não desembuchar, um dia ele se revolta e dá um soco na sua cara, por dentro.” (Lorde, 2019, p.51)

Precisei de muitos meses buscando coragem para conseguir começar a escrever a dissertação “Entre a ferida aberta e a sutura: a posicionalidade dos estudantes frente às opressões no processo formativo em Design na ESDI/UERJ” defendida no ano de 2024. E foi a partir desse trecho da Audre Lorde — mulher cisgênero negra, estadunidense, poeta e ativista pelos direitos humanos — que passei a ensaiar, em meio a muitas tentativas e erros, o que seria o texto entregue para a banca.

Minha dificuldade estava relacionada à sensibilidade que identificava ser necessária para conduzir uma pesquisa que falava sobre a experiência dos estudantes de design da ESDI/UERJ a partir das opressões que atravessavam a formação em design. Eu intencionava, por meio da experiência dos estudantes — de certa maneira — documentar as violências sofridas visando identificá-las e formar uma rede de enfrentamento a essas opressões.

Passavam pela minha cabeça naquele momento muitos questionamentos relacionados a como documentar algo relativo à experiência de outras pessoas sem ser desrespeitosa com o trauma vivido. E sobre como imprimir no texto um tom de voz que demonstrasse para os leitores as tensões que atravessavam o processo formativo dos estudantes com o intuito de proporcionar uma sensibilização sobre o tema. A cada tentativa de construir o documento da dissertação o meu bloqueio de escrita aumentava.

O primeiro recurso adotado, ainda no pré-projeto, foi utilizar ferida e sutura como **metáforas**-poéticas para tratar de violência e trauma. Ao utilizar esses termos, eu também intencionava alinhar a minha pesquisa a produção de autoras e autores dos estudos de raça e gênero como bell hooks, Grada Kilomba, Frantz Fanon — homem cisgênero negro, nascido na Martinica, atuou como psiquiatra e filósofo — e de Rosana Paulino — mulher cisgênero negra e artista visual brasileira.

O bloqueio de escrita ficou pior quando escrevi junto a outras designers-pesquisadoras um artigo partindo de relatos de experiência, onde compartilhamos os momentos que fizemos com que nos identificássemos como **outsider within**¹ no campo do design. Utilizamos essa posição enquanto um recurso metodológico de escrita para formular uma compreensão sobre como as diferenças de raça, classe, gênero e origem territorial marcaram, de diferentes modos, nossa formação. Assim, buscamos compreender como as interações sociais fora da sala de aula participam do processo formativo de designers.

O termo foi cunhado por Patrícia Hill Collins —mulher cisgênero negra estadunidense e socióloga — (2016) na intenção de refletir sobre aquelas que ocupam as margens de um determinado espaço e, por isso, acabam desenvolvendo um modo particular e crítico de observar a realidade. Nesse sentido, nos identificarmos como *outsider within* no design significava o reconhecimento do nosso “não lugar” dentro do campo por conta de diferentes marcadores sociais que formam nossas identidades, mas também significava a nossa apropriação desse “não lugar” como um espaço de possibilidades para formularmos, a partir de uma visão crítica, contribuições sobre/para o campo.

Acontece que, acessar aquelas memórias, no meu caso, do começo da graduação, fez com que eu reavivasse os mesmos sentimentos vividos naquele período. Foi como se eu tivesse rasgado uma ferida já cicatrizada. Cada vez que eu apresentava esse artigo, revisitava todos os incômodos sentidos no momento do ocorrido e no momento da escrita do relato. O que dificultou a escrita da minha pesquisa e o início dos procedimentos de investigação. Se eu já me encontrava paralisada antes mesmo de iniciar as investigações, como seria então escrever e entregar a pesquisa? Essa era minha maior questão.

Foi preciso “arrancar da paralisia e da confusão um outro modo de escrita” (Mombaça, 2021). E em meio às leituras de feministas negras e tentando aprender com elas modos de escrever que entendi que era preciso assumir na minha escrita os incômodos que me rondavam. Fazer com que o silêncio se transformasse em linguagem, como Audre Lorde escreveu. Por meio da **narrativa confessional** — gênero textual utilizado por teóricas do feminismo negro — comecei a esboçar os primeiros parágrafos da dissertação.

bell hooks pontua que as narrativas confessionais funcionam como um recurso didático ao formularmos reflexões sobre nossas experiências e as compartilharmos com outras companheiras. “Eu preciso não me sentir isolada e saber que existem outras companheiras com experiências semelhantes. Eu aprendo com suas estratégias de resistência e com os relatos de seus erros” (Hooks, 2019b, p.66). A autora também comenta sobre a teoria enquanto processo de cura: “Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura” (ibid, p.83). Hoje, olhando para o caminho percorrido até a defesa da dissertação, compreendo que me encontrava no mesmo desespero mencionado por ela. Eu necessitava que por meio da pesquisa e da teoria pudéssemos — os estudantes de Design da ESDI/UERJ e eu — dar nome as experiências que nos atravessavam enquanto nos tomávamos designers.

¹ Em uma tradução literal para o português, o termo *outsider within*, pode ser compreendido como forasteira de dentro. A permanência do uso em inglês está relacionada ao seu uso como um procedimento metodológico de análise.

Teorizar, nesse sentido, é uma prática que permite lidar com os problemas e transformar a realidade. Falar a partir de minhas experiências não se trata apenas de abordar algo de maneira individualizada, mas evidenciar experiências coletivas partilhadas — muitas vezes em silêncio — que atravessam a formação em design e necessitam ser elaboradas por se articularem com as questões e a proposta da pesquisa. Assim, a escrita adotada representou a postura teórica, metodológica e política da pesquisa.

Por meio de uma metodologia de escrita que hoje considero como intuitiva e experimental, comecei a compartilhar minhas dificuldades de escrita e questionamentos sobre os rumos da pesquisa, e ao passo que os parágrafos iam se estruturando, fui adicionando o referencial teórico e dando forma a introdução da dissertação. Nas próximas linhas apresento trechos do texto para exemplificar os recursos textuais destacados (XXXX, 2024).

Em 2021, quando escrevi o pré-projeto de pesquisa para me candidatar ao processo seletivo de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Desenho Industrial (PPDESDI), tinha acabado de concluir a graduação em Desenho Industrial na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde o ensino que me foi ofertado correspondia a um design hegemônico e excludente (França, Carvalho, 2022). Nesse momento, já estava em contato com a Rede Design e Opressão², espaço onde era possível formular sobre as minhas inquietações com os saberes e práticas do campo.

Naquele período, escrevia certa de que para além das reflexões sobre as opressões praticadas no e pelo design, como era de costume nos encontros da Rede Design e Opressão, também precisava refletir sobre as opressões impregnadas no processo formativo de nós, designers. Entendendo que a academia, para além de um espaço de ciência e erudição, também é um espaço de violência, como nos aponta Grada Kilomba (2019), (de)formando nossas experiências de aprendizado.

A partir dessa perspectiva, relatei as opressões no processo formativo em Design e o espaço violento da academia com o conceito de ferida, termo utilizado para simbolizar o resultado de um processo traumático, adotado pelas autoras bell hooks (2017), Grada Kilomba (2019), Gloria Anzaldúa (1987) e pelo autor Frantz Fanon (2020). Posto que, ao elaborar junto aos estudantes sobre as opressões que permeiam a formação em Design na ESDI/UERJ, poderemos identificar e suturar as feridas, mitigando as que foram adquiridas durante a experiência universitária.

Essa relação entre as opressões no processo formativo em Design e uma possível sutura foi elaborada a partir da série Assentamento, realizada entre 2012 e 2013, pela artista visual Rosana Paulino. Em algumas obras, a artista faz uso de uma costura desencontrada em linha vermelha na intenção de descortinar os problemas orquestrados pelas intervenções coloniais e suas consequências na vida das mulheres negras (Lopes In: Paulino, 2018), indicando que “um refazer-se completo é tarefa quase impossível.” (Paulino, 2013, p.3). A artista caracteriza essa costura desencontrada como uma sutura, intervenção cirúrgica cujo objetivo é unir partes de um corte, de uma ferida, com caráter de urgência.

Porém, havia uma ingenuidade da minha parte ao pensar sobre a possibilidade de que ao suturar as ações que estariam produzindo as feridas no processo formativo em Design, teríamos o fim de determinada ação violenta. Não me atentei ao indicativo feito por Rosana Paulino sobre a impossibilidade de um refazimento, pois a ferida provoca uma cicatriz, ou seja, uma marca que pode ser difícil de se desfazer. É somente quando ingresso no mestrado e escrevo o artigo Sou uma outsider within: uma formação em design para além do currículo (Portela et al., 2022)³, que entendo a intenção da artista ao sinalizar

² <https://www.designeopressao.org/>. Acesso em 24 de abril de 2023.

³ <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/46936>. Acesso em 24 de abril de 2023.

sobre a dificuldade de nos refazermos.

[...] Foi durante a escrita do meu relato, acessando as minhas memórias, que percebi a complexidade do tema que havia proposto em meu pré-projeto de mestrado e as inseguranças que tratar sobre esse tema me trariam. Eu estava revivendo aquelas lembranças e analisando os meus processos individuais na tentativa de produzir novas compreensões sobre a formação em design que estivessem para além da proposta curricular. Porém, reviver as memórias relatadas no artigo para formular as proposições apresentadas fez com que eu abrisse minhas cicatrizes, transformando-as em feridas abertas e paralisando esta pesquisa por um tempo.

[...] Coloco-me nesta pesquisa como parte deste grupo de designers-pesquisadores implicados na pesquisa. Em alguns momentos analisando o cenário no macro, em outros partilhando minhas vivências e percepções sobre o campo. E justamente por isso, demorei mais tempo do que gostaria para iniciar esta escrita e entender que os não ditos que me rondavam após a elaboração do artigo precisavam se transformar em linguagem, ainda que por meio dessa narrativa confessional.

[...] Após me reconhecer como uma outsider within no design, continuo adotando essa posição como parte do meu processo metodológico. E descrevo nas próximas linhas um pouco dos caminhos que percorri no processo de me tornar designer e pesquisadora, assim como as implicações que me fizeram realizar esta pesquisa (XXXX, 2024).

Foi preciso que eu assumisse minhas inseguranças e vulnerabilidades diante do tema que havia proposto e me colocasse textualmente como parte da pesquisa para conseguir traçar maiores delimitações sobre o tema e os processos de investigação. Dessa maneira, se eu esperava tratar sobre a posicionalidade dos estudantes e como elas afetam o processo formativo, era necessário que eu me posicionasse na escrita e também apresentasse aos leitores do meu trabalho quem eu era. Desse modo, dediquei outro momento da introdução para escrever uma breve **biografia**, a partir da perspectiva da outsider within, sobre o momento que tomei conhecimento do que era design, até minhas primeiras ações enquanto mestranda no PPDESDI/UERJ.

[...] O IFF já possuía tecnólogo em Design Gráfico, mas nunca tinha ouvido falar em Design ou Desenho Industrial e também não conhecia ninguém que trabalhasse na área. É a partir desse primeiro contato com o design no IFF e procurando mais sobre o campo que descubro os cursos concentrados na região metropolitana do Rio de Janeiro. Com destaque para a UERJ, UFF, UFRJ e PUC-Rio.

[...] Em 2016 me mudei para Niterói por conta da graduação na UFF, no *campus* Praia Vermelha. Durante meu processo formativo, atuei como membro do Centro Acadêmico de Desenho Industrial (CADI) durante duas gestões, fui monitora do Laboratório de Modelagem e Prototipagem (LMP) do curso e fiz Iniciação Científica pesquisando sobre inovação social no design. Participei de projeto de extensão, estive em eventos de design e recebi prêmios. No meio desse caminho percebi que o meu corpo e as minhas vivências transformavam o espaço em que estava inserida e que, ao mesmo tempo, eu era transformada pelo meio (XXXX, 2024).

Com a pesquisa finalizada e defendida, compreendo que as estratégias de escrita adotadas, e as práticas de investigação projetadas possibilitaram que a pesquisa fosse conduzida com sensibilidade e comprometimento com o tema e com os participantes da investigação. Na medida que eu me posicionava e compartilhava minhas vivências textualmente ou oralmente nos encontros junto aos estudantes-participantes, eu estabelecia um outro tipo de relação de investigação. Um tipo que me possibilita ser reconhecida como um par. Demonstrando que a relação pesquisadora x objeto de pesquisa pode ser superada por meio do cuidado com a dimensão socioafetiva dessa relação. Ou seja, embora eu tenha sido a responsável pela condução da investigação e, portanto, uma pesquisadora interessada em obter resultados, a partir do modo

como as nossas relações foram sendo construídas, foi possível estabelecer uma aproximação com os estudantes. O que possibilitou uma identificação entre pares e uma escuta sensível entre os envolvidos, construindo um espaço seguro onde pudemos aprofundar as questões relacionadas ao tema da pesquisa. Nesse sentido, evidencio ter conduzido uma **pesquisa implicada** onde os estudantes-participantes e eu — não só como pesquisadora, mas também por meio de meus relatos e percepções sobre o contexto — atuamos como protagonistas do tema estudado.

A dimensão do envolvimento emocional com o tema, ora um ponto positivo, ora negativo, visto que torna o processo mais exaustivo mental e fisicamente devido à exposição e somatização. E o incentivo e suporte do meu orientador para que eu pudesse manifestar minhas inquietações de pesquisa e realizar uma produção acadêmica com afeto, são fatores que devem ser considerados como recursos que viabilizaram esse estilo de escrita e a possibilidade dela acontecer.

3 Considerações finais

“Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?” e “Entre a ferida aberta e a sutura: a posicionalidade dos estudantes frente às opressões no processo formativo em Design na ESDI/UERJ”, são pesquisas que se entrelaçam, não só pelo caráter metodológico ou pelas ferramentas de escrita, mas também ao evidenciar inseguranças e vulnerabilidades a partir dos temas propostos e seus atravessamentos nos corpos das pesquisadoras.

Mas por que determinadas pesquisas precisam refletir sobre a posicionalidade, sobre os corpos e as experiências dos sujeitos pesquisadores? É comum em diversas áreas, como a Arte, Filosofia, Letras e até mesmo o Design, o uso de narrativas e da posicionalidade, o intuito nesses casos é de apresentar as percepções e a perspectiva do pesquisador nas relações humanas observadas. Nesses campos, também se reconhece uma postura perspectivista, ou seja, que somos informados a partir de nossos pontos de enunciação, mas não nos fixamos nele. Também se assume uma postura fenomenológica, reconhecendo o caráter contingente e parcial dos fenômenos humanos e as limitações de quem observa. Nesse sentido, assumir a primeira pessoa e a narrativa é também uma perspectiva metodológica, coerente com o horizonte teórico que informa certos tipos de pesquisa e uma postura política, ao endereçar as questões do objetivismo e racionalismo moderno/colonial e ao estranhar a norma invisível no campo do design (LUPTON e XIA, 2023).

Enquanto designers-pesquisadoras politizadas, entendemos que para algumas pessoas dissidentes é uma estratégia, uma forma de sobrevivência na academia, não trabalhar com temas que atravessem suas existências. Nesse sentido, não buscamos afirmar que pessoas trans e racializadas precisam vincular suas pesquisas às suas dores, até mesmo para evitar limitar esses corpos a uma narrativa única, mas entendemos a importância de colaborar cada vez mais com discussões e discursos pautados na posicionalidade de quem as produz, para assim, ampliarmos os debates do campo e a diversidade de perspectivas.

No que diz respeito aos recursos textuais utilizados, entendemos o relato não só como uma exposição de acontecimentos, mas como uma forma de desenhar a pesquisa. É a partir das autoras e autores que também experienciam as dores das opressões raciais, de gênero e sexualidade que encontramos força e coragem para expor nossas vivências e fundamentar nossas pesquisas.

O desafio de fazer uma pesquisa acadêmica se origina no momento que entendemos que primeiro precisamos nos implicar na escrita, para assim, relacionar conceitos e referenciais teóricos que validam nossas estratégias de escrita, permitindo ampliar as questões levantadas para

além de nossos corpos. Assim, as estratégias de escrita descritas ao longo deste artigo, guiaram os rumos das pesquisas e se tornam o posicionamento teórico-político-metodológico para a construção das dissertações.

Em meio aos pontos de convergência entre as pesquisas, como o respeito aos nossos corpos enquanto sujeitas de conhecimento, o desenvolvimento da escrita a partir dos relatos, o suporte emocional e teórico das autoras e autores que foram referenciados, refletimos sobre os desafios de sermos corpos dissidentes que produzem a partir de atravessamentos e inquietações relacionadas ao nosso campo de atuação. E nesse sentido, utilizamos as escritas de si como estratégias para desarranjar a relação pesquisador x objeto de pesquisa. Ao falar de si, não nos tornamos objetos. Pelo contrário, assumimos nosso lugar como sujeitas de conhecimento. O que nos permite compreender que as pessoas que participam do processo de investigação não são objetos, mas sujeitos co-autores da pesquisa.

4 Referências

- Alcoff, Linda Martín. **Visible Identities: Race, Gender, And The Self**. Oxford University Press, 2005.
- Anzaldúa, G. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 2ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- Boylorn, R; Orbe, M (Org.). **Critical Autoethnography: Intersecting Cultural Identities In Everyday Life**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2014.
- Clandinin, D. J; Connelly, F. M. **Pesquisa Narrativa: Experiência E História Em Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Grupo De Pesquisa Narrativa E Educação De Professores Ileei/Ufu. Uberlândia: Edufu, 2011. 250 P.
- Collins, P. H. **Aprendendo Com A Outsider Within. Sociedade E Estado**, V. 31, P. 99-127, 2016.
- Delory, M. C. **A Pesquisa Biográfica: Projeto Epistemológico E Perspectivas Metodológicas**. In: Abrahão, M. H. M. B; Passeggi. M. (Org.). **Dimensões Epistemológicas E Metodológicas Da Pesquisa (Auto) Biográfica: Tomo I**. Natal: Edufrn: Porto Alegre: Edipucrs, Salvador, Eduneb, 2012. P. 71-93.
- Fanon, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo. Ubu, 2020.
- França, D.; Carvalho, R. A. P. **A Hegemonia Branca E O Conhecimento Excludente No Design: Uma Análise Sobre Referências Profissionais E Bibliográficas**. Arcos Design, Rio De Janeiro: Ppesdi/Uerj. V. 15, N. 1, P. 147-170, Fev. 2022.
- [Autora Oculta]. **Design Abjeto: O Queer Eu Tenho A Ver Com Isso?**. 2023. 113 F. Dissertação (Mestrado Em Design) - Escola Superior De Desenho Industrial, Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, Rio De Janeiro, 2023.
- Hooks, B. **Ensinando A Transgredir: A Educação Como Prática Da Liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- _____. **Teoria Feminista: Da Margem Ao Centro**. Editora Perspectiva Sa, 2019a.

_____. **Olhares Negros: Raça E Representação**. Editora Elefante, 2019.B.

Kilomba, G. **Memórias Da Plantação** – Episódios De Racismo Cotidiano. Rio De Janeiro: Cobogó, 2019.

Lopes, F. **Rosana Paulino: O Tempo Do Fazer E A Prática Do Compartilhar**. In: Pinacoteca De São Paulo (Org.). Rosana Paulino: A Costura Da Memória. São Paulo: Pinacoteca De São Paulo, 2018. P. 163-181.

Lorde, Audre. **Irmã Outsider: Ensaio E Conferências**. Autêntica Editora, 2019.

Lupton, Ellen. Xia, Leslie. In: Lupton, Ellen; Tobias, Jennifer. **Extra Bold: Um Guia Feminista, Inclusivo, Antirracista, Não Binário Para Designers**. Olhares, 2023.

Mombaça, J. **Não Vão Nos Matar Agora**. 1. Esd. - Rio De Janeiro, Cobogó, 2021.

Nascimento, L. **Transfeminismo**. Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaraí, 2021.

Paulino, R. **Educativo Assentamento**. 2013. Disponível Em:
<https://pdfslide.tips/documents/assentamento-rosana-paulino-pdf-educativo.html?page=7>.
Acesso Em: 24 Abr. 2023.

[Autora Oculta]. **Sou Uma Outsider Within:: Uma Formação Em Design Para Além Do Currículo**. *Projetica* V. 13, N. 3, P. 153–165, 2022.. Disponível Em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/46936>. Acesso Em: 9 Jan. 2023.

Vergueiro, V. **Por Inflexões Decoloniais De Corpos E Identidades De Gênero Inconformes: Uma Análise Autoetnográfica Da Cisgeneridade Como Normatividade**. 2016. 244 F.: II. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Da Bahia, Instituto De Humanidades, Artes E Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.